SARAIVAS DO CARIRI

Joaryvar Macedo

No *Anuário Genealógico Latino* (vol. 1, Ano de 1949, 1a. parte), por Salvador de Moya, encontramos a origem dos Saraivas, a qual vem assim apresentada: "O solar desta família é nas montanhas da Vila de Saraiva, em Viscaya, de onde são originários, na Espanha. Em 1428 passaram a Portugal Antônio Saraiva e Vicente Fernandes Saraiva e se estabeleceram na Vila de Troncoso; foram acompanhar sua irmã, dama da rainha D. Leonor, mais 1445, esposa de D. Duarte I, rei de Portugal".

Aportados ao Brasil, oriundos, pois, da Península Ibérica, e chegados, também, ao sul do Ceará, posteriormente, ou seja, no Século XVIII, época do seu povoamento regular, e, por conseguinte, o de sua formação étnica e social, e, ainda, o da fixação de suas mais antigas linhagens, muito poucos foram os Saraivas que, na região, se sediaram

O Pe. Antônio Gomes de Araújo, o mais penetrante historiador do Cariri e este seu modesto discípulo preocuparam-se em investigar, exaustivamente, os povoadores da zona, ao longo do Século XVIII. De nossas pesquisas publicadas, arrolando os colonizadores do sul do Ceará, portugueses, baianos, sergipanos, alagoanos, pernambucanos, paraibanos, norte-rio-grandenses, piauienses e maranhenses, constam apenas três imigrados, todos naturais da região sanfranciscana, portadores do sobrenome Saraiva: Antônio Saraiva, João de Brito Saraiva e Lourenço Saraiva da Silva.

O grau de parentesco entre eles, não o sei. No entanto, sei que os três eram casados e que a descendência de Lourenço Saraiva da Silva constitui o mais expressivo ramo de Saraivas do sul do Estado. São precisamente os Saraivas dos municípios de Missão Velha e Barbalha, muitos dentre os quais, hoje, dispersos por diferentes recantos do País.

Lourenço Saraiva da Silva, sediando-se na antiga Freguesia das Minas de São José dos Cariris Novos, atual Missão Velha, com sua esposa, Rosa Francisca do Espírito Santo, estabeleceram ali sua prole, que se foi subdividindo em diversos ramos de Saraivas, pelo entrelaçamento de seus rebentos com outras famílias pioneiras no hitórico e ubertoso vale. Assim, foram surgindo, entre outros, os Saraivas Landim, os Saraivas da Cruz, os Teles Saraiva, os Duartes Saraiva, os Saraivas Xavier, os Monteiros Saraiva, os Saraivas Arraes.

Não comportam os limites destas breves achegas mais circunstanciadas considerações sobre todas essas ramificações de Saraivas, procedentes de Lourenço Saraiva da Silva e Rosa Francisca do Espírito Santo. Eis por que me deterei em observações em torno de apenas uma delas — os Saraivas da Cruz — de que fazemos parte minha mulher e eu, lembrando, de passagem, que, no decurso do tempo, como muita vez acontece, em face dos cruzamentos familiares, o sobrenome do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva desapareceu, por completo, em considerável porção de sua progênie.

Antes, contudo, esclareço e o faço também a título de curiosidade e de exemplo, que muito se teria a dizer acerca da numerosa descendência de Lourenço Saraiva da Silva, no tangente aos demais ramos da família, que contam com muitos elementos nucleares, a começar de seus filhos. Um deles, que não se assinava Saraiva, e se chamou mesmo Francisco Monteiro de Queiroz, foi casado com Leocárdia Pereira de Castro, sobrinha do famanaz caudilho Capitão-Mor José Pereira Filgueiras, Presidente do Ceará no 2º Governo Temporário. Do casal procedia o Major Francisco Monteiro Saraiva, vulgo Chico Saraiva, prestigioso chefe político e antigo intendente de Missão Velha.

Descendentes de Lourenço Saraiva da Silva eram, outrossim, os conceituados clínicos barbalhenses Antônio Saraiva Xavier e Francisco Saraiva Xavier. Este último foi deputado à Assembléia Legislativa do Ceará

Ao ramo Duarte Saraiva pertencem os ilustres militares Raimundo Saraiva Barreto e João Gonçalves Sobreira.

O sangue de Lourenço Saraiva da Sila corria nas veias de José Bezerra de Menezes, ex-industrial em Juazeiro do Norte, filho de Leandro Bezerra de Menezes e Josefa Saraiva Bezerra de Menezes, Saraiva, igualmente, o era, mais precisamente Teles Saraiva, sua consorte, a respeitável matrona D. Maria Amélia Bezerra de Menezes. Trata-se dos genitores do ex-Vice-Governador Francisco Humberto Bezerra, do ex-Governador e atual Vice-Governador do Estado José Adauto Bezerra e de Orlando Bezerra de Menezes, deputado federal, expressões inequívocas da hodierna política cearense.

Descendentes de Lourenço Saraiva da Silva são, ainda, aqueles Saraivas do município pernambucano de Exu, formando lado a lado das famílias principais dali, onde se envolveram nas lutas sangrentas de imensas e dolorosas repercussões, entre Sampaios e Alencares, aos quais se acham entrelaçados.

Feitas estas observações um tanto de afogadilho, demorar-me-ei, conforme esclareci, em algumas considerações acerca do ramo dos Saraivas da Cruz, descendentes do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva e Rosa Francisca do Espírito Santo, ramo a que me vinculo, diretamente, tendo sido, por isso, aquele em que melhormente me adentrei, em minhas perquirições.

Os Saraivas da Cruz integram a família caririense, conhecida como Terésios. E Terésios vem a ser a progenitura do Capitão José Paes Landim e sua mulher Geralda Rabelo Duarte.

O Capitão José Paes Landim, alagoano e já radicado no Cariri pelos começos da terceira decúria do Século XVIII, adquiriu terras da família Lobato.

Os Lobatos, originários de Alagoas, são contados entre os primeiros concessionários de sesmos no sul do Ceará, onde monopolizaram imensos latifúndios rurais. Chegaram a possuir dezenas de léguas, em quadro, quer obtidas em sesmarias quer compradas. No inventário do Capitão Antônio Mendes Lobato, de 1719, aparecem, entre outras, as terras do sul cearense denominadas Cachoeira, Canabrava, Lagoa do Carité, Santa Teresa, Jenipapeiro, Brejo da Barbosa, Muriti, topônimos bastante conhecidos da gente do Cariri.

Foi precisamente aquela porção chamada Santa Teresa que adquiriu o colonizador Capitão José Paes Landim, propriedade que organizou e cultivou e onde fundou seu engenho, com o mesmo nome, entre as atuais sedes municipais de Missão Velha e Barbalha — Engenho de Santa Teresa.

Casou-se ele com a baiana Geralda Rabelo Duarte. Dele, com ela, houve filhos, nascidos todos no Engenho de Santa Teresa, que se tornou, destarte, o núcleo originário e sócio-econômico da família, que, ainda hoje, o possui, fracionado em vários sítios: Santa Teresa, Lagoa de Santa Teresa, Salobra, Brejão, Passagem de Pedras etc.

Como é evidente, o nome *Terésios* vem de *Teresa,* da expressão *Engenho de Santa Teresa.*

O próprio historiador João Brígido, referindo-se a essa gente, foi assim que lhe chamou: Terésios. São eles os Paes Landim, os Jesus, os Cruz Neves, os Martins de Jesus, os Saraivas da Cruz, os Cruz Santana, os Macedos, os Dias Sobreira, os Olegários e outros e outros.

Um dos filhos do Capitão José Paes Landim e Geralda Rabelo Duarte, Capitão Domingos Paes Landim, convolou a núpcias, aos 10 de novembro de 1756, com Isabel da Cruz Neves, natural do Rio de São Francisco, filha do Sargento-Mor Manuel da Cruz Neves, português, e de Joana Fagundes de Sousa (ou Joana Fagundes da Silveira), baiana. Dentre os numerosos filhos deste casal, um se chamou José da Cruz Neves, que se matrimoniou, a 5 de novembro de 1796, com Inácia Maria de Jesus Ferreira, norte-rio-grandense da Sera do Martins, filha de Leandro Borges da Fonseca e Sebastiana da Fonseca Ferreira (ou Sebastiana Ferreira dos Santos).

De José da Cruz Neves, com Inácia Maria de Jesus Ferreira, advieram vários filhos, entre eles Manuel Inácio da Cruz, que se casou (em primeiras núpcias, aliás) com Josefa Maria do Espírito Santo, filha do Patriarca dos Saraivas, Lourenço Saraiva da Silva, e sua mulher Rosa Francisca do Espírito Santo. Através desse matrimônio, entrelaçaram-se as estirpes Cruz (ou Cruz Neves) e Saraiva.

O casal que se fez tronco dos Saraivas da Cruz, Manuel Inácio da Cruz e Josefa Maria do Espírito Santo, residiu sempre no Engenho de Santa Teresa, onde possuíram um oratório, referido não poucas vezes nos livros de termos paroquiais de Missão Velha. Nessa casa de oração, realizaram-se muitos casamentos de pessoas da família, vários dos quais abençoados, na década de 1840 a 1850, pelo Pe. José Francisco de Sales Landim, mais conhecido por Padre Landim, irmão do mencionado Manuel Inácio da Cruz. Muito depois é que foram construídas as capelas da família, primeiro, as da Serra do Mato e do Brejão, posteriormente, a da Santa Teresa, e por último, a do Brejinho.

Ali, no Engenho de Santa Teresa, viram a luz do dia os filhos do casal Manuel Inácio da Cruz e Josefa Maria do Espírito Santo. E foram muitos:

1 — Capitão Raimundo Nonato Saraiva, conhecido como Mundinho da Gameleira. Casado com a prima legítima Quitéria de Sales Landim.

2 — Maria Teresa do Espírito Santo. Casada com o primo legítimo Joaquim Domingos Landim.

3 — José Cândido da Cruz. Falecido sem sucessão, havendo deixado, em Barbalha, testamento nuncupativo, em favor dos irmãos e pessoas de sua estima.

4 — Coronel Joaquim Manuel da Cruz, vulgo Quinco Manuel. Casado, na família, com Isabel Saraiva da Cruz, conhecida por Bila.

5 — Joaquina Maria Saraiva da Cruz, conhecida como Quina. Casada com o primo legítimo José Vicente da Cruz.

6 — Josefa Maria de Jesus. Casada com o parente José Vicente Landim, vulgo Zeca Bindé. Sem descendência.

7 — Capitão Pedro Manuel da Cruz, conhecido por Pedro Manuel do Jacu. Casado duas vezes, 1º com Rosa Maria da Cruz, 2º com Cinobilina Isabel da Cruz, ambas irmãs e suas sobrinhas, filhas que eram de seu irmão Cel. Joaquim Manuel da Cruz.

8 — Felícia Maria da Conceição. Casada duas vezes, 1º com o parente Antônio da Cruz Neves, 2º com Domingos José da Silva.

9 — Sebastiana Maria do Espírito Santo. Casada, na família, com Joaquim Saraiva Landim, vulgo Quinco Saraiva.

10 — João Manuel da Cruz, conhecido por Joca da Gameleira. Casado com a prima legítima Joaquina de Sales Landim, conhecida como Quininha.

11 — Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, vulgo Né da Cruz. Casado três vezes, 1º com Maria de Jesus Macedo, conhecida por Marica, filha de sua madrasta Maria das Dores da Encarnação (Dôre), 2º com Maria Francisca de Macedo (Mariinha), sua sobrinha-neta, 3º com Maria da Glória Saraiva (Glorinha), sua consanguínea, do ramo dos Duartes Saraiva.

12 — Elias Francisco da Cruz. Casado duas vezes, 1º com Isabel Maria da Conceição, 2º com sua parenta Luísa Paes Landim, conhecida por Lulu.

13 — Eliseu Manuel da Cruz. Casado duas vezes, 1º com a sobrinha Maria Saraiva de Jesus, filha de seu irmão Capitão Raimundo Nonato Saraiva, 2º com Maria Florinda Peixoto.

14 — Inácia Maria Saraiva (Inacinha). Casada com o primo Vicente Duarte Saraiva, conhecido como Vicente Grande.

15 — Rosa Maria de Jesus. Falecida ainda nova, mas já casada e com filhos.

16 — Lourenço Saraiva da Cruz. Falecido novo, sem sucessão.

Como se vê, já a partir desta irmandade, composta de dezesseis netos de Lourenço Saraiva da Silva e Rosa Francisca do Espírito Santo, começa a desaparecer o sobrenome Saraiva. Mas, em que pese a isso, ele continua em inumeráveis membros da família, hoje disseminados por muitas localidades do território pátrio.

Onde quer que se encontrem, no Cariri ou fora dele, com Saraiva ou sem Saraiva acrescido a seus nomes, os descendentes dos filhos de Manuel Inácio da Cruz e Josefa Maria do Espírito Santo, que constituem o ramo dos Saraivas da Cruz, portam o sangue vigoroso do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva e sua consorte Rosa Francisca do Espírito Santo, legítimos construtores da civilização em terras caririenses, a par de tantos outros colonos, de diferentes procedências, responsáveis pela gênese social, pela formação histórica, pela humanização, enfim, do grande e decantado Vale do Cariri.

Como outros ramos de Saraivas, projetaram-se, no meio, também os Saraivas da Cruz, pelo trabalho, pelo esforço e pelo espírito criador, construindo a sua abastança, sobretudo na cultura canavieira, base primeira da riqueza da zona.

Foram, de fato, os engenhos para o fabrico da rapadura, a fonte principal da economia caririense. E os brejos de Missão Velha e Barbalha, notadamente aqueles banhados pelo Rio Salamanca, encheram-se de engenhos dessa família, dos quais ela tirou os recursos com que mandar os filhos para as capitais, encaminhando-os a mais lisonjeiras posições na vida.

Em verdade, muitos dos seus membros têm ocupado postos de relevo nos setores político e econômico do Ceará e até de outros Estados da Federação, bem assim nas demais áreas da atividade humana. Uma aligeirada citação de nomes corrobora o que acabo de afirmar.

Honraram o Tribunal de Justiça do Ceará os desembargadores Juvêncio Joaquim de Santana e Manuel Joaquim de Santana, netos do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz.

Militares, muitos os teve e tem a família. Mencionaria, para exemplificar, o Coronel Antônio Vicente de Macedo, bisneto de Maria Teresa do Espírito Santo, o Coronel Hélio Luna Alencar, bisneto do Coronel Joaquim Manuel da Cruz, o Coronel Francisco Filgueiras Cruz, neto do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, e o Coronel Dário Grangeiro Cruz, bisneto deste mesmo Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz.

Deputados à Assembléia Legislativa do Ceará, houve-os também: o referido Juvêncio Joaquim de Santana, que foi, inclusive, Secretário do Interior e Justiça, Edson Olegário de Santana e Francisco Erivano Cruz, bisnetos, estes dois, daquele Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz. Ressalte-se que um trineto do Capitão Raimundo Nonato Saraiva, José Saraiva de Macêdo, tomou assento na Assembléia Legislativa do Pará. Esse mesmo Capitão Raimundo Nonato Saraiva era bisavô da Dra. Clisélides Cruz Saraiva, médica, esposa do deputado federal Hildo Furtado Leite.

Nas letras, poderiam ser referidos alguns nomes, como Dr. Antônio Raimundo da Cruz, mais conhecido por Dr. Cruz, conceituado clínico, vasta cultura, autor de diversos trabalhos, neto do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, e falecido no Rio de Janeiro, onde residia; Deoclécio Leite de Macedo, historiador, residente no Rio, bisneto de João Manuel da Cruz; Dimas Macedo, poeta e crítico literário, além de pesquisador no campo da História, trineto de Joquina Maria Saraiva da Cruz; Joaryvar Macedo, membro titular da Academia Cearense de Letras, bisneto dessa mesma Joaquina Maria Saraiva da Cruz.

Sacerdotes, a família Saraiva da Cruz também os deu: Pe. José Gonçalves Landim, ex-vigário de Iguatu e, atualmente, vigário cooperador em Aurora, sua terra natal, sendo bisneto de João Manuel da Cruz (Joca da Gameleira); Cônego José Edmílson de Macedo, membro do Cabido da Sé de São Salvador da Bahia e vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Brotas na capital baiana, trineto de Joaquina Maria Saraiva da Cruz; D. Hilário Leite de Macedo, monge beneditino, e Pe. Juarez Macedo, salesiano, o primeiro, bisneto, e o segundo, trineto de João Manuel da Cruz, o referido Joca da Gameleira.

Concluo esta superficial relação, apresentada a título de exemplo, destacando que três Saraivas da Cruz, embora nenhum com o sobrenome Saraiva, partilham o primeiro escalão do atual Governo do Estado, como titulares: Francisco Erivano Cruz na Secretaria para Assuntos Municipais, Joaryvar Macedo na Pasta da Cultura e Desporto, e Hélio Luna Alencar no Comando da Polícia Militar do Ceará, bisnetos de três irmãos, respectivamente, Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, Joaquina Maria Saraiva da Cruz e Coronel Joaquim Manuel da Cruz, netos do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva.

Ao ensejo desta exposição, talvez não fosse inoportuno salientar a época de maior fastígio da família Saraiva da Cruz, o que se deve sobretudo ao Coronel Antônio Joaquim de Santana, que a ela se integrou, casando-se com uma filha do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, e bisneta, portanto, do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva.

Foi nas primeiras décadas do fluente século que os Saraivas da Cruz, como, de resto, toda a família da Santa Teresa, tiveram sua quadra de maior fastígio social e político. Exatamente naquele tempo, em que andou bem acentuado, por todo o Nordeste, o regime do jugo oligárquico.

Conforme não se ignora, proclamada a República, nos Estados da Federação Brasileira, em face da autonomia constitucional, esse regime foi sobremodo intensificado, mormente no território nordestino, onde cada unidade federada era oligarquizada por mandões, poderosos e prepotentes. Governando o Ceará, então, ao Dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli ensejou-se um comando dos mais absolutistas, e aos seus familiares e apaniguados, a oportuniade de desfrutar as melhores e mais elevadas posições a nível estadual.

Nas comunas cearenses, com o irrestrito apoio do Presidente do Estado, os chefes locais tornaram-se senhores absolutos, ao passo que suas famílias eram contempladas com as mais avantajadas benesses. Foi assim que um genro do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz, o citado Cel. Antônio Joaquim de Santana, geralmente conhecido como Coronel Santana, residente no Sítio Serra do Mato, transformou-se no senhor supremo do município de Missão Velha e num dos mais prestigiosos líderes políticos do Cariri, sobrepujado apenas pela dupla famosa Floro Bartolomeu da Costa — Pe. Cícero Romão Batista.

O Coronel Santana, cujo prestígio e poderio, na região, sobremaneira contribuíram para realçar a família Saraiva da Cruz e os consanguíneos, é um desses personagens que ainda está por ser estudado. E nesta ocasião em que se procura, também, evocar a memória dos que já se foram, não me furto de tracejar algo de sua vida e de sua personalidade, até por questão de justiça.

O Cel. Antônio Joaquim de Santana, um genuíno Terésio, nasceu no sítio Brejão, município de Barbalha, no ano de 1856, e faleceu no de 1941, portanto com oitenta e cinco anos, tendo chegado a ver trinetos. Era filho de Juvêncio Joaquim de Santana e Jacinta Maria de Jesus (Iaiá), e casado com Josefa Maria de Jesus (Zefinha), igualmente genuína Terésia, filha do Tenente-Coronel Manuel Saraiva da Cruz (Né da Cruz) e Maria de Jesus Macedo (Marica), e bisneta, por conseguinte, do Patriarca Lourenço Saraiva da Silva.

Um dos expoentes do mandonismo sertanejo, vivendo seu tempo, sua época histórica, e, consoante já foi dito, chefe político dos mais prestigiosos do Cariri, o Coronel Santana inaugurou, no sul do Estado, a quadra das deposições a bala, apeando do poder, ao fragor de cerrado tiroteio, no ano de 1901, o Cel. Antônio Róseo Jamacaru, prefeito e cacique de Missão Velha, onde era cantada, então, esta quadrinha, sobre o evento, e atribuída ao poeta popular Luís Dantas Quezado (Luisinho do Roncador):

Missão Velha está em guerra
E Barbalha estremeceu
Santana desceu da serra
E Antônio Rosa correu.

Conquistando, assim, o poder, pela força, governou o Coronel Santana o município missãovelhense, de 1901 a 1916, inclusive influindo,

preponderantemente, em toda a vida política do Cariri do seu tempo. Tão grande o prestígio dele, que, quando do célebre encontro dos caudilhos sul-cearenses, aos 4 de outubro de 1911, na então Vila de Juazeiro, é que passou à história como o "Pacto dos Coronéis", foi ele escolhido para presidir a reunião, da qual fazia parte o Pe. Cícero Romão Batista, a quem cedeu a presidência.

Homem rústico, porém dotado de senso prático e de larga visão, encaminhou os filhos varões para os estudos. E dos quatro que teve, um apenas não se formou porque não quis. Os outros galgaram excelentes posições na vida: os desembargadores Juvêncio Joaquim de Santana e Manuel Joaquim de Santana, e o engenheiro civil Antônio Santana Júnior. De fato, uma façanha para a época e o meio.

Mas valho-me da oportunidade, em ordem a mais algumas considerações em torno da figura do Coronel Santana, que concorreu grandemente para a projeção da família. Nesse tanto, utilizo umas notas que a seu respeito escreveu o inteligente jornalista José Santana, residente em São Paulo, fazendo-o quase à letra.

Quantos o conheceram guardam do Coronel Santana a lembrança da sua imagem física: alto e esbelto, epiderme clara e rosada, cabelos negros e olhos bem azuis. Na mocidade, deve ter sido um belo homem, um perfeito galã, como hoje se diz. O certo é que a sua liberalidade, a sua reconhecida bravura, ligadas a essa figura apolínea, chegavam a impressionar as mulheres. Era fisicamente impecável, sobretuto quando vestido em sua farda de gala. Teve, entretanto, uma vida tormentosa, vivida de envolta com a política e as lutas armadas que sustentou.

Homem singular, personalidade robusta e marcante, caráter forte e inquebrantável, foi o Coronel Santana um bravo e, simultaneamente, um generoso em excesso. Chegou mesmo a ser um perdulário, a ponto de nunca dar o devido cuidado a seus haveres, seu gado, suas terras, seus bens materiais. Tanto assim que nasceu rico e morreu pobre, na mesma região onde tivera sempre o domínio político. Tudo isso, talvez, porque era um Napoleão frustrado. Nascera com vocação para a carreira militar, o destino, contudo, encaminhara-o para a vida do campo, para as ocupações agrárias. Disso, porventura, resultava a estafante quizília em que ele permanentemente vivia, e onde se enquadram e se encontram todas as pessoas desajustadas. Às vezes, sem motivo aparente, tornava-se furioso e intolerável. A maioria das vezes, todavia, era compreensível e fraternal, sempre de mãos abertas para oferecer o que tinha aos que necessitavam.

Tradicionalmente católico, para acompanhar a tendência dos seus antepassados, é curioso que o Coronel Santana não freqüentava igrejas. Tinha, no entanto, um culto fervoroso para com o santo do seu nome, a quem ele tomara como seu advogado, mentor espiritual e receptáculo de suas mais íntimas confidências. E gostava de ouvir estórias e benditos de Santo Antônio de Pádua, sobretudo desta balada religiosa:

Antônio! Socorro, Antônio!
Neste mesmo continente,
Vai livrar teu pai da morte,
Que vai morrer inocente.

Perspicácia incrível, inteligência viva e poderosa, apesar de sua pouca escolaridade, tinha ele bastante facilidade de expressão, grande intuição política e vasta experiência do meio em que vivia. Em reuniões de amigos, tratava, de uma só vez, de vários assuntos e a todos empolgava com admirável mestria. Nesse afã político, era o Coronel Santana realmente incomparável.

Todavia, esse homem inteligente, forte, poderoso, submetia-se, docilmente, a dois "fracos" insopitáveis: música e mulher. Quantos filhos ilegítimos deixou, talvez nem ele mesmo soubesse. Já no referente à música, não chegou a ser um concertista, mas arranhava as cordas do violão, e dizia: "Não há nada mais belo do que a ressonância da viola, nas mãos de quem sabe tocar!" E na casa-grande de Serra do Mato, acolhia cantadores, para ouvi-los, embevecido, e depois exclamar: "Quando a tristeza bate, não há nada como uma viola bem temperada e um cigarro de fumo das Cabeceiras!"

Era assim o Coronel Santana. Forte, poderoso, um régulo matuto, respeitado, temido, e, ao mesmo tempo, um sentimental, um boêmio que nem a velhice impediu de participar de festas, onde dançava a noite inteira.

Era assim o Coronel Santana. uma criatura romântica e, ao mesmo tempo, um trabalhador incansável, um homem de vida prática, um político de largo prestígio e um herói de muitas lutas.

Graças a ele, no primeiro quartel deste século, a família viveu, conforme ficou devidamente esclarecido, seus dias de maior fastígio. E foi, principalmente, revivendo a época do seu poderio inconteste, quando o clã tanto cresceu, que alguns dos seus membros, residentes no Rio, em documento endereçado, certa feita, à parentela no Cariri, exararam, entre outras, esta verdade insofismável: "Já tivemos, em tempos passados, mais projeção política e social, no vale do Cariri, posição esta gerada mais pela inteligência da força que pela força da inteligência".

Por esta razão, quis, rememorar lances da vida e da personalidade do Cel Antônio Joaquim de Santana, o inconfundível Coronel Santana, na oportunidade em que registro alguns informes a respeito de Saraivas do Cariri, sobretudo dos Saraivas da Cruz, aos quais se integrou pelo matrimônio, honrando, como nenhum outro, o nome dessa antiga estirpe sertaneja.

(Conferência pronunciada na IX Convenção da Família Saraiva Leão, em 7 de Setembro de 1984, pelo Acadêmico-Escritor, Joaryvar Macedo, Secretário de Cultura e Desportos do Governo do Ceará.)